

Concepções e potencialidades do Memorial Minas Gerais Vale para o ensino de História

Conceptions and potentialities of the Memorial Minas Gerais Vale Company for History Teaching



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v12i2.3017>

Luisa Teixeira Andrade

Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (Fae/UFMG);
Doutorado-sanduiche na University of California, Santa Barbara/USA
Profa. da Faculdade de Educação, Escola de Design da UEMG
Email: lteixeiraa@hotmail.com



Smally Gonçalves Rodrigues

Assistente Pedagógico do Memorial Minas Gerais Vale
Email: smallyroll@yahoo.com.br



Natália Maira Fernandes Andrade

Professora de História da Rede Pública de Ensino de MG
Email: nataliafernandeandrade@gmail.com



Recebido em: 10/11/2019 – Aceito em 31/12/2019

Resumo: Partindo da Hipótese de que os museus e demais espaços de educação não-formal são espaços propícios para ensinar e aprender História e que o patrimônio cultural contribui potencialmente na formação histórica, elegemos como locus para trabalhar o ensino e aprendizagem de História em espaços de Cultura, o Memorial Minas Gerais Vale, integrante do Circuito Liberdade na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Foi explorado o potencial do ensino de História nos museus através de um trabalho prévio em sala de aula com o intuito de sensibilizar os alunos quanto a utilização de novos espaços para a aprendizagem seguido de uma visita mediada ao eixo Africanidades do Memorial Minas Gerai Vale. Os diálogos em sala de aula bem como no interior das salas de exposição do Memorial revelaram o potencial educativo dos objetos da cultura material e simbólica da sociedade para o Ensino de História.

Palavras-chaves: Memorial Minas Gerais Vale; Ensino de História; Aprendizagem em Museus.

Abstract: Based on the hypothesis that museums and other non-formal education spaces are propitious for teaching and learning history and that cultural heritage potentially contributes to historical formation, we chose to investigate History teaching and learning in the Minas Gerais Vale Memorial, a cultural space which belongs to the Liberdade Circuit in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais. The potential of history teaching in museums was explored through previous work in the classroom, in order to raise students' awareness of the possibility of new spaces for learning, as well as a mediated visit to the Africanities axis of the Minas Gerais Vale Memorial. The dialogues in the classroom as well as inside the Memorial exhibition rooms revealed the educational potential of objects of society material and symbolic culture for the Teaching of History.

Keywords: Memorial Minas Gerais Vale; History Teaching; Learning in Museums.

Introdução

Museus e ensino de História

A educação realiza-se em vários ambientes sociais e culturais. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional considera que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem não somente nas instituições de ensino e pesquisa, mas também na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Isso indica a necessidade de explorar de forma consciente espaços educativos situados além dos muros da escola ou, nos museus, nas praças, nas ruas, nos espaços culturais. Como espaço cultural e educativo, o museu tem se dado o desafio de educar por meio da sensibilização e a partir de seus objetos, exposições e propostas educativas que cultivam a comunicação e produção de significados.

O papel do museu não é revelar o implícito, nem o explícito, não é resgatar o submerso, não é dar voz aos excluídos (nem aos incluídos...), não é oferecer dados ou informações. Em suma, o museu não é um doador de cultura. Sua responsabilidade social é excitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo. (RAMOS, 2004, p.131)

A hipótese aventada neste artigo é a de que os museus e demais espaços de educação não-formal são espaços propícios para ensinar e aprender História. Advogamos que o patrimônio cultural contribui potencialmente na formação histórica, visto que permite dar consistência às informações e abstrações dos textos históricos e porque constrói a percepção e a visão histórica do território e do mundo. Ademais, os objetos da cultura material e imaterial são portadores de informações sobre costumes, técnicas, condições econômicas, ritos e crenças de outros tempos que podem trazer para o presente dos visitantes realidades ausentes ou presentes em outras temporalidades através dos vestígios que persistiram à revelia do tempo.

Para trabalhar o ensino e aprendizagem de História em espaços de Cultura elegemos como locus o Memorial Minas Gerais Vale, integrante do Circuito Liberdade na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Os dados aqui apresentados são oriundos da pesquisa “Mediações pedagógicas acerca da cultura afro-brasileira em espaços não escolares: análise de experiências educativas realizadas no Memorial Minas Gerais Vale”, desenvolvida na Faculdade de Educação da UEMG em parceria com o Memorial Minas Gerais Vale, durante os anos de 2016, 2017 e 2018. O objetivo desta pesquisa foi investigar a aprendizagem de História em museus a partir de visitas escolares, com foco na construção discursiva sobre a cultura afro-brasileira ao longo da História do Brasil. Para tanto, estabelecemos como foco as visitas educativas realizadas no Memorial Minas Gerais Vale, que integra o Circuito Cultural Praça da Liberdade. Em 2016 acompanhamos visitas escolares da rede pública de ensino de Minas Gerais (dez visitas no total) com registros em áudio e notas de campo. Esse trabalho, portanto, é resultante do tratamento e análise de parte desse corpus documental.

O Memorial

O Memorial Minas Gerais Vale (MMGV) consiste em um espaço cultural integrante do Circuito Liberdade na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Sua proposta é apresentar a história, a cultura e as tradições do referido estado. Esta intencionalidade

¹STARLING, H. M. M.; CARDIA, G.; ALMEIDA, S. R. G.; MARTINS, B.V. (Org.). Minas Gerais. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011. 305 p.

²TASSIS, Christiane. Memorial Minas Gerais Vale: o espaço vivo da cultura mineira ano 2013. 1ª Edição. Belo Horizonte: Rona, 2014. 112p.

pode ser relativizada, pois acaba por tornar-se uma tendência metonímica ao tentar expressar a identidade cultural do todo pela parte. É difícil falar de identidade sem considerá-la como construção social e imaginária. Não é possível contemplar a especificidade de uma cultura utilizando-se de simplificações e reducionismos conforme explica Meneses:

“(...) imaginar-se que é possível, por intermédio de exposições museológicas, expressar a “significação” de determinado grupo ou cultura, “povo”, nação ou segmento social é ingenuidade em que os museólogos profissionais não poderiam cair” (MENESES, 2013, p.137)

O Memorial está situado na Praça da Liberdade em uma edificação datada de 1897, onde era situada a antiga sede da Secretaria da Fazenda. O prédio foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) e passou por processo de restauração para abrigar as salas e o espaço de convivência. O projeto museográfico é assinado por Gringo Cardia e a pesquisa foi realizada em parceria com a historiadora Heloisa Maria Murgel Starling e com a Universidade Federal de Minas Gerais, agregando profissionais de diversas áreas: professores, jornalistas, artistas e técnicos¹.

Como nos aponta o Historiador Francisco Régis Lopes Ramos (2004), há uma relação considerável entre o Estado, os museus e as “classes privilegiadas”. Os museus acabam por localizar-se fisicamente em edifícios que um dia estiveram ligados a estruturas da burocracia estatal, como no caso aqui estudado. Porém, esta característica pode ser problematizada no ensino de História, pois “(...)é fundamental não eliminar o deslumbramento diante daquilo que foi construído para fascinar. A partir do próprio impacto emotivo criado pelo monumento, pode-se induzir à experiência de conhecimento crítico” (p. 45). Ou seja, “(...) o acasalamento do fascínio com a reflexão vai fertilizando o conhecimento sobre a nossa própria historicidade” (p. 46).

O espaço museal é constituído, em boa parte, por salas cenográficas com conteúdo áudio/visual, o que acaba por aumentar consideravelmente o número de informações – são 56 horas de conteúdo². O diálogo com a exposição torna-se diferente daqueles instituídos em museus com acervo totalmente tangível. Apesar da diferença não perde sua pertinência tipológica, pois conforme aponta o historiador Meneses (2013):

O desenvolvimento das técnicas de reprodução, da telemática, da informática, etc.; não reduzirá, (...) a função do museu no domínio da documentação. Ele continuará a justificar sua existência pela necessidade de dar conta da apreensão sensorial, empírica, corporal, exigida pelo universo da cultura material (sem esquecer implicações sociais, como as da “aura” ou da feiticização de que os museus são os instrumentos ideais, não de cultivo, é claro, mas de análise) (p. 20).

Levando em consideração o que abordamos anteriormente, a presença de acervo não tangível, cabe à indagação: seria este espaço um museu de História? Apoiados em Meneses (2013) pensamos que: “Rigorosamente todos os museus são históricos (...). Dito de outra forma, os museus tanto podem operar as dimensões do espaço como de tempo. No entanto, do tempo jamais poderá escapar, ao menos na sua ação característica, a exposição” (p. 28). Ou seja, os museus de História, não seriam necessariamente espaços que abrigam relíquias, como por exemplo: o lápis utilizado por D. Pedro II ou uma pintura de Pedro Américo, mas sim espaços que criam problemáticas históricas pois, o problema cria o

objeto histórico e vice-versa, em uma operação dialética.

(...) concebe-se corretamente o museu histórico como aquele que opera com objetos históricos. Se, contudo, é a dimensão do conhecimento que sobe à tona, é preciso retificar e dizer, como vimos, que o museu histórico deve operar com problemas históricos, isto é, problemas que dizem respeito à dinâmica na vida das sociedades (MENESES, 2013, p. 28).

O acervo está distribuído em três pavimentos com exposições de longa duração. O primeiro pavimento contém salas que se apoiam em recursos midiáticos de variados suportes e é dedicado às expressões artísticas como a literatura, as artes plásticas e a fotografia. No segundo pavimento, o conteúdo é voltado para representações de caráter histórico, a exemplo da Inconfidência Mineira e a História de Belo Horizonte, com discurso alinhado com correntes da historiografia que protagonizam os heróis e os grandes acontecimentos. No terceiro e último pavimento, a expografia apresenta uma sala que fala das festas e celebrações religiosas, onde se busca expressar a mestiçagem cultural e religiosa, a exemplo do Congado e da Folia de Reis, também possui espaço para exposições itinerantes e um auditório para espetáculos, dentre outras salas. Os lugares que as salas ocupam na expografia condicionam na forma de interpretar o espaço. Consideramos, ao lado de Ramos que:

Qualquer museu é o lugar onde se expõem objetos, e isso compõe processos comunicativos que necessariamente se constituem na seleção das peças que devem ir para o acervo e no modo de ordenar as exposições. Tudo isso sempre se orienta por determinada postura teórica, que pode ir dos modelos de doutrinação até parâmetros que estimulam o ato de reflexão (2004, p. 14).

Ponderamos que para a função dos espaços museais “não se trata de levar cultura ao povo nem de garantir o acesso à cultura, e sim de oferecer meios para as agitações culturais, fornecendo instrumentos cognitivos e estéticos para a liberdade criadora aliada à percepção crítica das circunstâncias” (RAMOS, 2004, p. 72). Dentre os vários âmbitos em que se pode destacar a importância de um trabalho educativo em museus, este é um deles. Esta *liberdade criadora aliada à percepção crítica* pode ser alcançada através deste trabalho, pois “ao museu não compete produzir e cultivar memórias, mas analisá-las, pois elas são componente fundamental da vida social.” (MENESES, 2013, p. 52). Utilizando da reflexão de Meneses (2013) sustentamos que “(...) o museu é também lugar de sonho, do devaneio, do lúdico, da informação, da comunicação, das experiências da sensibilidade, da autoimagem e de mui-tíssimas outras funções simbólicas e pragmáticas (...)” (p. 57).

³A visita mediada é feita de forma dialógica, ao contrário da guiada que é pautada na passagem de informações (visita palestra).

Ao pensar o papel social que o museu ocupa é pertinente trazer reflexões sobre o papel educativo dos museus, mais especificamente relacionado ao ensino de História, pois os espaços de cultura são também fóruns de debates, onde podem ser discutidos, por exemplo, questões étnico raciais e de gênero. Se a postura educacional dos museus não for reflexiva e bem definida, corre-se o risco de repetir as concepções dos ditos “museus tradicionais”.

(...) museus tradicionais, que glorificaram a história das classes dominantes, não foi a favor de um posicionamento reflexivo, e sim a favor do espetáculo da sociedade de consumo. Os museus, desse modo embarcaram na onda de consumo visual do patrimônio histórico, geralmente associado a um turismo predador (...) (RAMOS, 2004, p. 74).

A partir desses apontamentos faremos algumas reflexões sobre o Programa Educativo do MMGV e seus diálogos possíveis com a expografia e o ensino de História. O Memorial possui setor educativo responsável pelo atendimento ao público em geral. Esses grupos podem ser: espontâneos, que comparecem ao espaço sem agendamento prévio; e agendados, que podem ser grupos escolares e não escolares. A equipe do educativo é constituída de coordenação, assistentes, educadores, recepcionistas e estagiários, formada interdisciplinarmente por profissionais graduados e pós-graduados, “(...) que planejam ações tendo como ponto de partida pesquisas individuais, coletivas e institucionais. Os resultados desses estudos e também os conhecimentos construídos no fazer cotidiano são transformados em novas propostas educativas” (Plano Educativo MMGV, p. 10).

A pesquisadora Lopes (1991), nos aponta algumas situações que os museus de certa forma enfrentaram e enfrentam, em suas palavras:

Nossas escolas são “deficitárias”. Nossos museus em grande parte não possuem serviços educativos estáveis. Mesmo assim “substituem” a escola em funções das quais esta não dá conta. Sem ela não sobrevivem, já que sua clientela adapta-se cada vez mais aos métodos da escola. Trata-se de um círculo vicioso (p. 5).

No caso do espaço aqui estudado constatamos que ocorreram transformações em relação a esses dados, pois o museu possui programa educativo estável e, como veremos posteriormente, o espaço procura definir o lugar que ocupa na rede educacional em distinção a educação escolar.

As propostas realizadas pelo educativo tem a pretensão de estimular no visitante a construção de experiências significativas, pois não é a estatística de visitantes que justifica a existência do programa educativo nos museus e sim a opção teórica e, portanto, política. Ou seja, visitar espaços museais é uma atividade educativa que exercita a percepção crítica da expografia, afinal: “ir ao espaço museológico implica necessariamente efetuar atividades educativas, questionamentos e maneiras, teoricamente fundamentadas, de aguçar a percepção para os objetos das exposições” (RAMOS, 2004, p.15).

Em sintonia com essas reflexões, o Educativo MMGV propõem que a visita seja mediada e não guiada³, para que os educadores:

(...) privilegiem a exploração do espaço de acordo com os interesses e as necessidades dos visitantes e grupos, promovendo momentos de contemplação, mas também processos comunicativos, instigando a participação e o estabelecimento de conexões pessoais, além de trocas de impressões entre os membros de um grupo (Plano Educativo MMGV, p.7).

A formação dos educadores do Memorial é direcionada para que eles forneçam informações fac-

tuais somente quando necessário e de forma pontual. Conforme o plano educativo da instituição:

(...) mesmo sendo conhecedores do Memorial em seus aspectos históricos, estéticos, culturais – os educadores são formados para realizar ações educativas em que a transmissão de informações (Visita Palestra) dá lugar à experiência, aos sentidos e conhecimentos construídos durante a visita (Visita Mediada), ações em que a curiosidade é estimulada” (Plano Educativo MMGV, p. 8).

Ponderamos com Regis Ramos que, nessa situação, “dar informações ou guiar os alunos pela exposição pode ser, ou não, um pecado original. Afinal, a informação também pode assumir o sentido de provocação, sedução para o pensamento reflexivo” (RAMOS, 2004, p. 15). Ou seja, a dinâmica das visitas é definida na relação com o visitante e suas demandas, e com a intencionalidade do educador.

As visitas são realizadas com a duração máxima de até noventa minutos, o número máximo de visitantes desejado é de quinze membros, exceto em algumas ocasiões que esse número pode se exceder. A mediação não contempla todo o espaço, pois “recortes possibilitam que as visitas sejam realizadas sem pressa, condição para que haja a ativação da memória e a construção de narrativas” (Plano Educativo MMGV, p. 8). O espaço contém salas temáticas, como abordado anteriormente, e o próprio prédio pode ser utilizado como tema da medição. Sendo assim, parece inviável dar conta de tudo em uma única visita. Ainda sobre a mediação, Ramos vai dizer que:

O comum é o monitor ser sinônimo de informador: fornece dados e explicações aos estudantes ou ao público em geral. Uma das formas de fugir desse método é assumir a prática de também fazer perguntas, com o intuito de despertar, no visitante, reflexões sobre o que está sendo visto – abertura para o diálogo criativo, pois depende das peculiaridades de cada um que vai ao museu. O monitor não deve expor a exposição e sim procurar, nos visitantes, a vontade de ver objetos (2004, p. 26).

Assumindo essa postura e sendo qualificado para tal, o profissional que realiza as mediações no educativo do MMGV ganha a denominação de Educador, substituindo a de Monitor. A troca não é meramente terminológica, pois envolve uma questão conceitual uma vez que cabe ao profissional desenvolver habilidades específicas e mais complexas. Ao mudar o sentido da visita de guiada para mediada exige-se do profissional um repertório mais amplo. Não basta apenas ter conhecimento sobre os fatos e as datas, mas sim, conseguir criar uma articulação entre eles de forma interdisciplinar, levando em consideração as discussões proporcionadas pelos visitantes, estes tão diversos e heterogêneos em suas formas de pensar. Como nos aponta Ramos (2004):

Ao sair da informação para a provocação, o monitor exige de si mesmo uma qualificação que, no modelo tradicional, não se faz necessária: a pesquisa sobre os objetos. Se o intuito não é mais o de oferecer dados em discurso pronto e acabado, emerge a responsabilidade de um conhecimento mais amplo sobre o que é exposto, pois só assim o ato de provocar o diálogo terá qualidade interpretativa, questionadora (p. 27).

⁴ <http://memorialvale.com.br/pt/educativo/percursos-tematicos/>

⁵ <http://memorialvale.com.br/pt/educativo/percursos-tematicos/>

⁶ Para mais informações: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/circuito-de-museus>

⁷ O projeto Território Negro, criado e gerenciado pelo Núcleo das Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, tem como finalidade favorecer a aproximação e o diálogo das escolas com espaços museológicos da cidade, de modo a possibilitar a apropriação de conhecimentos acerca das culturas africanas e afro-brasileira, de suas histórias, suas produções intelectuais, científicas, tecnológicas e estéticas, e suas formas de organização social. O Território tem ainda como ponto de partida atividades pedagógicas interdisciplinares, buscando refletir sobre a memória social e coletiva do Brasil, que é um país multicultural e pluriétnico. Os espaços museológicos podem se transformar em lugares de memória que, pelo poder de representação que encenam, por vezes, reproduzem uma memória social coletiva que reflete ideias de hegemonia entre povos e culturas.

A de se considerar a importância do setor educativo em termos de problematização do espaço, pois através dele outras possibilidades de recorte do acervo podem ser definidas. No caso da instituição aqui pesquisada, a museografia propõe três temas centrais que formam a base conceitual da expografia: a *Minas Imemorial Clássica*, a *Minas Polifônica Multicultural* e a *Minas Visionária*. Sendo assim, o trabalho do educativo potencializa o uso do espaço e não se limita aos temas pensados pelos idealizadores, gerando uma situação de extrapolação, pois os “(...) serviços de educativo em museus devem ser encarados como elo de ligação básico entre os pesquisadores e o público, escolar ou não; como a articulação necessária entre a pesquisa da realidade museológica e sua divulgação pública” (LOPES, 1991, p.40). Assim, o setor educativo pode ampliar o leque de opções criando diferentes leituras. Aqui destacamos o eixo, ou percurso temático⁴, *Africanidades e memória* que é parte integrante dos recortes temáticos oferecidos pelo setor educativo do MMGV e foi utilizado pelo projeto de pesquisa “Mediações pedagógicas acerca da cultura afro-brasileira em espaços não escolares: análise de experiências educativas realizadas no Memorial Minas Gerais Vale” para o desenvolvimento da pesquisa aqui divulgada. No caso do Africanidades, o objetivo central do eixo torna-se potencializar no acervo do museu salas que possibilitem:

Resgatar a cultura africana presente em Minas Gerais, percebendo e valorizando a diversidade étnico-cultural, assim como identificar e reconhecer as diversas formas de resistência como manifestações culturais.⁵

Parte dos percursos/eixos foram criados, assim como o Africanidades e memória, a partir de parceria com a Rede Municipal de Educação (SMED) da prefeitura de Belo Horizonte, que abarca o Projeto Circuito de Museus⁶. O eixo aqui citado foi ressignificado pelo educativo tendo como base o circuito Território Negro⁷.

O educativo dos museus atendem grupos de visitantes dos mais diversos, dentre eles destacamos os grupos escolares. Estes podem ser preparados pelos professores no intuito de potencializar o diálogo com a mediação proposta no museu. Esta preparação, cabe frisar, tem por objetivo letrar os estudantes na linguagem específica das narrativas museais que se dá através da cultura material, sendo assim:

(...) o tipo de saber a que o museu induz não se desenvolve em outros lugares, e tal lacuna deixa o estudante (ou visitante) quase desprovido dos meios para interpretar as nuances da linguagem museológica. Nesse caso, o envolvimento entre o que é dado à visão e quem vê necessita de atividades preparatórias, com o intuito de sensibilizar aquele que vai ver (RAMOS, 2004, p. 21).

Objeto Gerador: Construindo possibilidades interpretativas

Esse negócio aqui é um pilão, os escravos usavam, era muito grande esse aqui é pequenininho, mas eles usavam um muito grande pra poder pilar sementes, socar a... Aí eles vieram, mais aí eles faziam com as madeiras mesmo, eles pegava e fazia com as madeiras. Descobri algo muito importante, que noventa por cento das coisas que os escravizados usavam era de madeira e feito com as próprias mãos e ... Aí eu peguei esse trem *lá em casa lá*, por causa que minha mãe usava, aí ela nem sabia, ela nem sabia que era de escravidão, aí eu fui na internet e achei.

A fala acima é de uma aluna da *Escola Estadual José Elias Issa* proferida durante atividades propostas pelo referido grupo de pesquisa da UEMG, em parceria com a professora de História da escola integrante do grupo de pesquisa. A ideia foi explorar o potencial do ensino de Histó-

⁸Para acesso às fontes entrar em contato com: lteixeiraa@gmail.com

ria nos museus através de uma visita mediada ao eixo Africanidades do Memorial Minas Gerais Vale. Realizamos duas aulas com o intuito de sensibilizar os alunos quanto à utilização de novos espaços para a aprendizagem e ao final eles foram levados ao museu. As aulas foram gravadas em vídeo e a visita em áudio⁸.

Localizada no centro da cidade de São José da Lapa, região metropolitana de Belo Horizonte, a escola possui, em sua maioria, alunos de zonas rurais e de cidades vizinhas como Vespasiano. Desenvolvido com a turma M3-7 do terceiro ano EJA (Educação de Jovens e adultos), composta por estudantes entre 18 e 30 anos, o trabalho, para além do já exposto acima, objetivou apresentar aos alunos o Circuito Liberdade, permitindo-os aprender conceitos sobre as culturas afro-brasileiras por meio de uma visita mediada pelo Educativo do MMGV.

Desta forma, constatamos que seria necessário discutir com os alunos o papel da escola e o papel do museu no processo de ensino/aprendizagem. Escola e museu, embora possam trabalhar em conjunto, são espaços específicos, com linguagens, demandas e objetivos próprios. Historicamente, no Brasil, foi legado aos museus a função de apêndice da escola, fazendo com que os professores os explorassem apenas como complemento ou ilustração de conteúdos. Para Maria Margaret Lopes (1991) é preciso compreender o museu em sua:

(...) linguagem visual e não na linguagem verbal, como na escola, os museus organizam suas visões de mundo sobre aspectos científicos, artísticos e históricos, sem a mesma ordem sequencial da escola, sem seus esquemas de urgência de aprendizado, de prazos rígidos ligados à planejamentos muitas vezes burocráticos, podendo possibilitar que as pessoas, por sua escolha- de museus, de trajetos em seu interior, de tempos dedicados a um aspecto ou outro, de preferências-, entrem em contato com leituras da realidade muitas vezes diferentes ou nem mesmo veiculadas pela escola (p. 6).

Corroborando com essa perspectiva, os museus assumem o papel de espaço autônomo de educação não formal, não desconsiderando as visitas das escolas, afinal: “Desobrigando-se da promoção de atividades educativas com alunos e professores, o museu peca por omissão, anula-se como lugar de produção do conhecimento” (RAMOS, 2004, p. 13).

Assim, antes de levar os estudantes ao Memorial Minas Gerais Vale percebemos que era preciso “letra-los” nessa linguagem específica dos museus. Para tanto utilizamos a perspectiva do Objeto Gerador proposta pelo historiador Francisco Régis Lopes Ramos. Pensar a presença dos objetos em nossas vidas nos ajuda a compreender melhor as complexas relações entre passado, presente e futuro. Os objetos demonstram-se potentes materiais didáticos para o ensino de História, pois, quando fazemos o exercício de problematizá-los, colocando em perspectiva a historicidade dos mesmos, percebemos-os além do uso cotidiano e lançamos novos olhares sobre a ação desses objetos na construção da nossa própria historicidade.

Da mesma forma que estamos familiarizados com textos e palavras onde tecemos narrativas dominando os conceitos que as envolvem, no caso dos objetos, o trabalho torna-se semelhante. “Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas” (RAMOS, 2004, p. 21)

A prática se dividiu em três partes: na primeira os alunos levaram objetos que julgaram fazer parte de seus cotidianos e que estivessem relacionados às culturas e povos afro-brasileiros, na segunda parte, utilizaram o conceito de Objeto Gerador para criar novas interpretações sobre os objetos escolhidos e só então, concluindo as três atividades, foram levados ao museu.

⁸Optamos por identificar os alunos numeralmente para manter o sigilo dos sujeitos da pesquisa.

Utilizar objetos de diferentes temporalidades e culturas pode desmitificar algumas ideias arraigadas em nossa sociedade como as de melhoramento ou progresso. Os alunos tiveram liberdade para escolher os objetos (novos ou velhos) relacionados às culturas africana e afro-brasileira. Tivemos o objetivo de colocar em perspectiva os momentos vividos sem estabelecer hierarquia entre uma época e outra, afinal, não somos modernos nem antigos, como diz Michel Serres, ‘somos misturadores de tempos’ (Apud in: RAMOS, 2004, p. 36). Nessa mistura nega-se a divisão engessada entre o que passou e o que se passa.

Em Sala De Aula

Na aula do dia 01/07/2016 a professora iniciou o trabalho com os objetos geradores. Enquanto os alunos falavam dos objetos que levaram, de forma dialógica, a professora aprofundava no conceito de Objeto Gerador⁹:

Professora: (...) a ideia de trabalhar o objeto gerador é por que a gente vai pra um museu, no museu os objetos são expostos, todos estão expostos lá no museu, e não é só passar lá e olhar para os objetos e ir embora, a ideia é você ir lá, ver os objetos e aprender a ler os objetos aprender a ler por que eles estão naquela posição, naquela ordem. Tudo conta uma História. Tudo tem um motivo, tem uma intenção. Tem uma intencionalidade. Vou dar um exemplo pra vocês, copo de plástico, alguém me fala aqui, em poucas palavras, o que o copo de plástico significa pra gente, o copo descartável, uma palavra pra descrever o copo descartável...

Aluno 1: descartável

Professora: Descartável, mas ele é descartável por quê? Pela praticidade né?

Aluno 1: É...

Professora: Pela praticidade, beleza, você foi lá e comprou o suquinho lá do cachorro quente, tomou jogou no lixo, e você não pensou sobre o copo, a partir do momento que o copo de plástico está exposto em um museu, você vai olhar pro copo e falar: “Há! Esse copo tá falando do que, da sociedade de consumo, tá falando que as pessoas têm pressa, que as pessoas precisam que ele seja descartável pra elas jogarem no lixo e seguirem suas vidas”, que é controlada pelo o que?

Aluno 3: Pelo capitalismo?

Professora: Pelo relógio, pelo capitalismo e pelo relógio... Então se eu pego, um copo descartável e um relógio e coloco em um museu, dá pra fazer uma discussão infinita não dá? Sobre tempo, espaço, sobre consumismo, sobre capitalismo.

Nos trechos acima a professora iniciou com a turma o exercício de fazer a leitura dos objetos de forma a tornar visível a trama de significados que os objetos encerram. Ela buscou mostrar que quando deslocados de seus ambientes e expostos em um museu, ou sala de aula, os objetos são dotados de novos significados. Para compreender esses significados devemos interrogá-los, utilizar a pedagogia da pergunta e assim extrair todo potencial desta ferramenta, uma vez que, como nos ensina Ramos:

O trabalho com o objeto gerador parte de exercícios que enfocam a experiência cotidiana e insere-se, portanto, na pedagogia da provocação, como diria Paulo Freire. A partir do vivido, é gerado o “debate de situações desafiadoras”. Nas próprias “situações existenciais” são germinadas “situações-problemas” (RAMOS, 2000, P. 34).

Essas situações problemas são extraídas a partir das relações conflituosas entre indivíduo e objeto. Assim, durante a primeira aula, observou-se que os alunos foram capazes de, partindo dos objetos das culturas afro-brasileiras, deslocar a narrativa para questões mais amplas como racismo, discriminação e inserção nas universidades. Um turbante, levado pela professora, funcionou como disparador, conforme mostram os trechos a seguir:

Professora: Então galera, o turbante, ele voltou a ser utilizado agora, as mulheres tão utilizando muito. Eu quero que vocês me digam ideias, sem timidez com a câmera, de por que que o turbante voltou a ser utilizado agora.

Aluno 2: Por que agora a brasileira tá conseguindo se aceitar mais...

Professora: Ponto. Desenvolvam isso aí.

Aluno 1: A cultura afro brasileira né, tá sendo mais...

Aluno 3: Tendo aceitação?

Aluno 1: Sendo absorvida e aceita pela sociedade.

Aluno 4: As pessoas estão assumindo a sua raça? Estão assumindo sua identidade...

Professora: Identidade essa é a palavra! Continuem...

Aluno 1: Questão também de estar em cheque né, toda aquela situação que tinha antes tá sendo colocado agora em pauta, a discriminação isso tudo tá cada vez mais em pauta, mais sendo discutida, mais sendo destruído, vou colocar assim, agora na nossa década né?

O turbante, desse modo, funcionou como objeto gerador de reflexões a respeito da cultura afro-brasileira, de racismo, das lutas sociais na contemporaneidade. A atividade se seguiu com a apresentação dos alunos de seus objetos geradores.

Aluno 2: Eu trouxe aqui uma corda né. Que eu uso na capoeira né, isso aqui. A muito anos atrás né, que eu fiz.

Professora: Você fez, eu também fiz capoeira.

Aluno 2: É foi há muitos anos, essa aqui foi à primeira. (...)

Professora: Então esse objeto aqui, me dá aqui, que ele trouxe é um objeto de orgulho pra quem dança capoeira né? Então galera, esse objeto como ele falou, é um objeto de orgulho pra quem vai dançar né, que tem o seu nome, que tem tudo, sem esse objeto...

Aluno 2: Sua identidade né.

Professora: A sua identidade tá aqui, então sem esse objeto você não está gingando, não está dançando. A partir do momento que você coloca ele, ele está agindo sobre você, assim como você está agindo sobre ele. Correto?

Pedir aos estudantes para trazerem os objetos de suas casas é uma forma de suscitar discussões que os façam pensar no motivo da escolha, podendo criar conexões que perpassam temas ligados à identidade e sentimento de pertencimento.

No segundo dia de atividades os alunos receberam óculos feitos de EVA, que funcionaram como metáfora para simbolizar a teoria, com os óculos eles teriam novas lentes para pensar a História no e dos objetos. Vejamos o depoimento a seguir.

Aluno 2: Olhando aqui né, com outros olhos hoje, é... Consegui perceber né, o valor histórico dele... Por que a capoeira ela virou um símbolo né, da identidade cultural bra-

sileira né, e... Em fim, faz parte hoje da história né, os escravos começaram a jogar capoeira e de, certa forma, depois se defenderam com essa arte também e foi passando né de geração em geração, até com que né, com base na História, eu comecei a fazer, gostei e fiz por longos anos e guardei essa daqui como recordação, foi a minha primeira corda né que é a corda branca. E é isso.

Professora: E essa corda tem um valor sentimental né?

Aluno 2: Pra mim sim, pelo fato de ter guardado ela né, foi minha primeira.

O **aluno2** em sua fala deixa claro esse exercício que os alunos foram fazendo, sob mediação da professora, de experimentar novos olhares sobre os objetos fazendo emergir discussões sobre as formas de resistência dos escravos durante o período colonial brasileiro bem como de explicitar laços de pertencimento e de identidade.

A visita

A visita ao MMGV foi agendada para o dia 14/07/2016. Chegando ao espaço os alunos ficaram deslumbrados e intimidados pela magnitude física e simbólica representada pelo prédio, corroborando com o discutido no tópico anterior. Acuados, participaram pouco da acolhida e da visita às duas primeiras salas ocasionando, inicialmente, em uma visita expositiva e pouco dialógica. Entretanto conforme a visita foi se estendendo e o educador utilizando materiais lúdicos, os estudantes foram se apropriando do espaço e criando relações com os objetos e discursos expográficos. Ramos (2004) postula que:

A partir do próprio impacto emotivo criado pelo monumento, pode-se induzir à experiência de conhecimento crítico. Em outros termos: interpretar a existência do monumento em “articulação com outros temas da história do país menos ou nada atraentes”. A beleza monumental pode desembocar somente na simples contemplação, o que é mais comum. Por outro lado, atividades pedagógicas podem dar outro destino para o deslumbramento: a reflexão sobre a nossa história, sobretudo a construção da memória oficial- que necessariamente abafa outras manifestações igualmente políticas (p. 45).

Para analisar a visita, selecionamos dois momentos em que o Educador do Museu faz exercícios com os alunos de entender a sociedade por meio da leitura dos objetos. No primeiro momento da visita, o educador, munido da ideia de gerar reflexão, entregou para os alunos algumas fichas contendo ilustrações e palavras como “Preconceito”, “Candomblé” e “Macumba”. As fichas funcionaram como disparadores do debate que se seguiu:

Aluno1: Que tem que ser uma concepção que tem que ser mudada, passando pelos novos que estão começando agora.

Aluno3: Mas o preconceito não está acabando com o negro, ele é um pouco mais velado. Mas ainda assim ele é muito forte.

Educador MMGV: É assim, por exemplo, não tem uma vez, tá aí a gente vive em um mundo muito perigoso, as pessoas estão com medo, mas é comum demais eu passar na rua de mochila aí passa uma dona do lado olha para mim e já esconde a bolsa (inaudível) mas mesmo assim a gente vive com tanto medo que colocam aqueles que “causam medo” (tom de ironia) no mesmo balaio.

Aluno1: (inaudível) aquela coisa de se sentir um alvo, andando na rua.

Educador MMGV: Pode falar gente. Então vamos causar polêmica... **(Aluno3)** coincidência você pegar essa foto menina, você sabe o que é isso? Segurando uma macumba, olha que medo! (risos) Vai cair sua mão.

Aluno3: É as pessoas ligam a muita coisa ruim né, o ser humano liga a uma... Todo mundo julga a umbanda pela macumba, porque não lê não aprofunda.

Aluno2: As pessoas não conhecem, eu tive a umbanda como religião por dois anos, então assim conheço bem a religião e não tem nada assim demais, as pessoas acham o que é (inaudível) é um instrumento musical chamado macumba né (inaudível). Vou fazer uma macumba para você.

Aluno3: É Na realidade vou fazer um instrumento para você. (risos)

Educador MMGV: Eu também já frequentei algumas vezes, não segui, mais cresci tendo que ter medo de macumba (inaudível). Eu passava todo dia no beco né e via aquele tambor bonito né, até que resolvi entrar e ver.

Aluno3: É por que as pessoas são meio preguiçosas né, ninguém procura saber o conteúdo, o que realmente é.

As palavras geradoras trazidas pelo educador do memorial possibilitaram a desconstrução de perspectivas relacionadas a elementos da cultura africana e afrobrasileira que circulam na sociedade e são geralmente carregados de visões preconceituosas e estereotipadas. Contribuíram também para engajar emocionalmente e intelectualmente os alunos para a temática que seria contemplada na visita propriamente dita.

Após esse pequeno debate, o grupo seguiu para a sala “Fazenda Mineira”. Essa se assemelha a uma instalação de arte e é formada por objetos ordinários do cotidiano das fazendas, dispostos nas paredes e no teto, todos pintados de uma só cor. Nesse ambiente, notou-se maior envolvimento dos alunos devido ao fato de, parte deles, morarem no interior e nutrirem memórias afetivas com os objetos expostos. O educador e os estudantes conversaram de forma descontraída. Vide trecho a seguir:

Aluno1: Nossa! Eu lembro do meu avó sentado em uma cadeira dessa, perto de uma janela que ficava pra fora. Engraçado que lá se você chegar e sentar, você não pode sentar na cadeira.

Educador MMGV: Teve uma senhora que não aguentou ficar aqui, ela disse “ nasci e cresci em uma fazenda e sofri de mais, não aguento ficar aqui.”

Aluno2: Traz sentimento...

Aluno1: Exatamente, traz sentimento, lembrança e ninguém segura né.

Aluno2: E nem sempre, igual eu vou muito à casa dos meus avós pra descansar.

Aluno4: Você ia viver na roça, hoje as megalópoles, Belo Horizonte, São Paulo, afastam as pessoas. As pessoas vão perdendo aquele espaço que tinham, aquela cultura que tinham, tá se criando uma nova cultura.

Aluno1: Hoje as pessoas não sabem como se faz, sabem como se compra.

(**Educador MMGV** fala direcionando para a professora)

Educador MMGV: Está aí a nossa função como historiador né, de todos vocês claro, não romper as relações com o passado senão tudo vai se perder mesmo.

Aluno3: Tudo você explica no passado, muitas coisas hoje você explica.

As enunciações dos alunos e do educador do museu expressavam conhecimentos oriundos das experiências e representações do vivido/cotidiano dos alunosem dialogo com objetos da cultura material e simbólica expostos na sala do memorial. Quando os alunos compararam o modo de vida nas cidades com o modo de vida em ambientes rurais eles identificaram diferentes ritmos temporais em uma mesma temporalidade: o tempo do descanso na casa dos avós e o tempo acelerado das cidades; bem como mudanças no tempo: “*As pessoas vão perdendo aquele espaço que tinham, aquela cultura que tinham, tá se criando uma nova cultura*”. O aluno sugeriu ainda que ritmos do campo estão se perdendo, engolidos pelos ritmos das cidades. Essa perda de experiências do passado, esse rompimento com as relações com o passado é objeto de preocupação de vários historiadores contemporâneos. O historiador inglês Eric Hobsbawn, nos alerta para os efeitos da quebra de vínculos com o passado, segundo ele, um dos principais fenômenos do século XX. De acordo com Hobsbawn (1995) a “destruição do passado” ou dos “mecanismos sociais que vinculam nossa experiência com a das gerações passadas” faz com que quase todos os jovens de hoje cresçam numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação com o passado público da época em que vivem. Nessa medida, Hobsbawn defende que os historiadores (e professores de historia), cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca.

O contato com os objetos relacionados com a vida no campo fez emergir, desse modo, o universo sensível das experiências dos alunos. Assim, esse trecho revelou como o diálogo com os objetos da cultura material e simbólica da sociedade podem contribuir para recuperar junto aos alunos o saber da experiência que nos foi subtraída na modernidade e reconectar os homens do presente com as experiências do passado. Esse contato, por sua vez, possibilitou a resignificação dos conhecimentos e representações sociais provenientes do vivido.

Aprendendo a Olhar

El mar

Diego no conocía la mar. El padre, Santiago Kovadloff, lo llevó a descubrirla.
Viajaron al sur.

Ella, la mar, estaba más allá de los altos médanos, esperando.

Cuando el niño y su padre alcanzaron por fin aquellas cumbres de arena, después de mucho caminar, la mar estalló ante sus ojos. Y fue tanta la inmensidad de la mar, y tanto su fulgor, que el niño quedó mudo de hermosura.

Y cuando por fin consiguió hablar, temblando, tartamudeando, pidió a su padre:
—¡ Ayúdame a mirar!

El libro de los abrazos

Eduardo Galeano

Para finalizar, a leitura desta pequena crônica do escritor uruguaio Eduardo Galeano leva-nos a pensar nas finalidades pedagógicas do trabalho educativo realizado em espaços da cultura e nas formas de mediação mais adequadas. Uma das premissas centrais que nos orientam é a de que, em exposições museais, o papel dos educadores deveria ser o de “ajudar a ver”. Essa premissa está em sintonia com fundamentos teóricos deste trabalho de que o saber que acontece nos museus é dinâmico e se estabelece no diálogo entre os visitantes e os objetos expostos. Assim, a interação com os objetos pode muitas vezes reverter à lógica da exposição e apresentar outras narrativas a partir do protagonismo dos sujeitos em suas relações com os objetos.

Assim, os diálogos em sala de aula bem como no interior das salas de exposição do Memorial revelaram o potencial educativo dos objetos da cultura material e simbólica da sociedade para o Ensino de História, corroborando com a hipótese desse artigo de que os museus e demais espaços de cultura são espaços propícios para o ensino e aprendizagem de História. Para além, ao interagir com objetos provenientes do vivido, notou-se entre os estudantes uma mudança de paradigma, eles passaram a se enxergar como sujeitos históricos.

Referências Bibliográficas

- BRASIL, Ministério da Cultura. Vale. **Plano Educativo Memorial Minas Gerais Vale**. Belo Horizonte, MG.
- CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos Editora, 2006. 135 p.
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves.; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 250 p.
- HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 90.
- LOPES, Maria Margaret. **“A favor da desescolarização dos museus”**. Revista Educação e Sociedade. S. Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior, n. 40, 1991.
- MACHADO, M. A. Cultura, ciência e política: olhares sobre a história da criação dos museus no Brasil. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. cap. 4, p. 145-158.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª Edição. São Paulo: Intermédios, 2012. 162p.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A exposição museológica e o conhecimento Histórico. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. cap. 1, p. 15-89.
- PINHO, Frederico Alves. **Tecendo Narrativas, costurando tempos: ensino e aprendizagem de História no museu de artes e ofícios**. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó, SC: Argos, 2004. 178p.
- STARLING, H. M. M.; CARDIA, G.; ALMEIDA, S. R. G.; MARTINS, B.V. (Org.). Minas Gerais. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2011. 305 p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 287 p.
- TASSIS, Christiane. **Memorial Minas Gerais Vale: o espaço vivo da cultura mineira ano 2013**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Rona, 2014. 112p.